FERNANDES, J. (2024). ***Notes from a trip to Chernobyl. Readings between political and cultural Geography*** The Overarching Issues of the European Area- How to efficiently combine sustainability, resilience and territorial management?,Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto. pp. 226-238
DOI . https://doi.org/10.21747/978-989-9193-48-2/coma16

NOTES FROM A TRIP TO CHERNOBYL. READINGS BETWEEN POLITICAL AND CULTURAL GEOGRAPHY

NOTAS DE UMA VIAGEM A CHERNOBYL. LEITURAS ENTRE A GEOGRAFIA POLÍTICA E CULTURAL

João Luís J. FERNANDES
Departamento de Geografia e Turismo, FLUC, CEIS20
jfernandes@fl.uc.pt

Resumo

Neste texto, defende-se a tese da viagem como uma vivência performativa que nos pode ajudar a refletir sobre as múltiplas dimensões de um acontecimento trágico. Estas páginas foram escritas com base numa deslocação à Zona de Exclusão de Chernobyl, em 2017. A imersão num espaço geográfico estranho, apesar de poder ser enquadrada nas dinâmicas globais do turismo, apresenta especificidades como a construção multidimensional de um *storytelling* político que veicula mensagens ideológicas e geopolíticas. Esta experiência deve, por isso, ser entendida no contexto de um *shatterbelt* instável, que anunciava e antecipava a agressão russa de 2022. As palavras que se seguem fazem o registo dos locais visitados nesta região demarcada. Ao mesmo tempo, e em primeiro lugar, analisa as mensagens diretas e indiretas, mais ou menos codificadas, que o viajante recebeu, ouviu, ou viu, durante esta experiência. Segundo, partilha as reflexões e associações de ideias a partir de notas que foram registadas num caderno ao longo do trajeto. No final, ficámos com a perceção de que esta experiência atravessou um campo algures entre a Geografia Cultural e a Geografia Política.

Palavras-chave: Chernobyl, turismo, *traumascape*, *shatterbelt*, *storytelling* político

Abstract

In this text, travelling is seen as a performative experience that can help us reflect on the multiple dimensions of a tragic event. It was written on the basis of a trip to the Chernobyl Exclusion Zone, in 2017. This immersion in a strange geographical space can be framed within the global dynamics of tourism. However, it has specificities such as the multidimensional construction of a political storytelling that conveys ideological and geopolitical messages. This tourist experience must therefore be framed in the context of an unstable shatterbelt, which was already announcing and anticipating Russian aggression in 2022. The following words record the places visited in this demarcated region. At the same time, firstly, it analyses the direct and indirect messages, more or less coded, that the traveller received, heard or saw during this experience. Secondly, this paper shares the reflections and associations of ideas that were recorded in a notebook along the way. In the end, we realised that this experience crossed a field somewhere between Cultural Geography and Political Geography.

Key-Words: Chernobyl, tourism, *traumascape*, *shatterbelt*, political *storytelling*

FERNANDES, J. (2024). ***Notes from a trip to Chernobyl. Readings between political and cultural Geography*** The Overarching Issues of the European Area- How to efficiently combine sustainability, resilience and territorial management?,Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto. pp. 226-238
DOI . https://doi.org/10.21747/978-989-9193-48-2/coma16

1- Nota Introdutória- A "Zona de Exclusão de Chernobyl" na dinâmica global do turismo

Este texto tem como objetivo a partilha de um conjunto de notas soltas escritas a propósito de uma experiência turística muito particular - uma viagem à Zona de Exclusão de Chernobyl, em 2017.

Para enquadrar esta deslocação, será importante equacionar os fatores que levaram à expansão do turismo, com o aumento quantitativo dos fluxos, do número de turistas, de noites dormidas e dos pontos de chegada e de partida.

Com efeito, para além de uma mudança qualitativa, que tem segmentado a oferta e estendido e diversificado as experiências turísticas, este alargamento tem sido acompanhado por novos padrões espaciais.

O turismo tem atravessado barreiras e apropriado espaços geográficos diversificados, das linhas de costa ao topo das principais montanhas do mundo, da Antártida à Amazónia, do deserto do Sara às profundidades do Atlântico ou do Pacífico.

Esta dinâmica do turismo insere-se no processo que autores, como David Harvey (2011), associam à difusão mundial do capital. Neste sentido, a mobilidade espacial de turistas é um dos pilares nos quais tem assentado a globalização das últimas décadas, na qual a paragem ou a desaceleração implica um indesejado estado de crise.

Nesta perspetiva, a circulação é uma necessidade e uma obrigação que mantém a dinâmica expansionista do sistema. A ampliação do turismo, a descoberta de novas frentes de crescimento e a turistificação de muitos espaços geográficos devem ser enquadrados nesta ótica da deslocalização transnacional do capital económico e financeiro.

Entre os fatores que mobilizam a expansão qualitativa e quantitativa do turismo está o interesse pelo atravessamento de limites e fronteiras e a descoberta de áreas demarcadas (Cintio, 2012).

Desta forma, espaços geográficos, como antigas prisões, hospitais e sanatórios; muros de demarcação política; cemitérios ou, entre outros, campos de concentração desativados, tornaram-se atrativos e pontos de chegada de visitantes, por sua vez orientados por um conjunto heterogéneo de motivações.

Com efeito, o que impelirá o turista a visitar estes lugares? Atendendo à diversidade de destinos, não existirá uma explicação única, mas será necessário equacionar questões como a formação pessoal, o interesse cultural e científico por alguns temas, o apelo do passado, ou a curiosidade e o voyeurismo. Noutros casos, como acontece com o turismo judaico em destinos como os campos de concentração de Auschwitz-Birkenau, o impulso está num ritual de veneração, homenagem e de afirmação identitária. Por exemplo, a pertença a uma tribo de devotos pode explicar também algumas das visitas ao cemitério de Père Lachaise, em particular aos túmulos de celebridades, como Oscar Wilde, Edith Piaf ou Jim Morrison.

O apelo do risco, da diferença, do ir mais além e da saída dos territórios pessoais de conforto, ao que se acrescenta o pioneirismo, a procura da novidade, tudo em conjunto poderá

ter contribuído para levar o turismo mais longe e para turistificar espaços geográficos pouco comuns, ou em nada associados aos princípios do lazer e do hedonismo (Stone, 2006).

Estas tendências cruzam-se com o desejo de contacto com espaços da tragédia individual ou coletiva e com a atração por "traumascapes", isto é, por geografias do trauma e do medo (Tumarkin, 2005; Tuan, 2013).

Desta forma, têm chegado turistas e visitantes a lugares e espaços geográficos que marcaram, de forma negativa, o destino de outros. As topofobias de uns terão o reverso na chamada de outros.

Ainda que cada caso em particular mereça uma análise específica, a apropriação turística da Zona de Exclusão de Chernobyl integra-se nessa tendência de atração por ambientes anti-idílicos que transportam uma aura de proibição e de experiência radical extrema.

Atravessar o limite daquele espaço geográfico demarcado e protegido, visitar e estar algumas horas naquela área de contaminação radioativa é uma experiência de contacto com uma "traumascape" de memória de uma catástrofe e de um acontecimento trágico com efeitos multidimensionais.

A explosão do reator nº 4 da Central Nuclear de Chernobyl não implicou uma catástrofe circunscrita no tempo e no espaço, isto é, àquele momento (na manhã do dia 26 de abril de 1986) e ali, nas margens do rio Pripyat, a cerca de 100 km de distância de Kiev.

Pelo contrário, uma catástrofe como a de Chernobyl tem consequências que não se circunscrevem no tempo e no espaço geográfico no qual ocorre. Os seus efeitos expandem-se, arrastam-se e deslocalizam-se, prolongando-se, atravessando gerações e deixando, no terreno, um risco que persiste, mesmo para os turistas que transpõem aquela linha de demarcação.

Associado ao que se poderá denominar como "Atomic Tourism", ou Turismo Nuclear, a entrada na Zona de Exclusão de Chernobyl (com cerca de 2600 km^2) faz parte de uma rota transnacional de visitas a localizações onde, de alguma forma, se pode contactar com o desenvolvimento científico e tecnológico da energia nuclear, na sua dupla aplicação civil e militar (Berger, 2006).

Desta constelação de espaços geográficos fazem parte, entre outros destinos, a cidade japonesa de Hiroshima - alvo de um ataque nuclear durante a II Guerra Mundial; também no Japão, a região da Central Nuclear de Fukushima, onde, em 2011, ocorreu um outro acidente com libertação de radioatividade; o Atol de Bikini, um espaço insular no Pacífico, onde se fizeram experiências e detonações nucleares durante as décadas de 40 e 50 do século passado; ou os lugares do Projeto Manhattan, como as áreas desérticas do Novo México e do Nevada, nos EUA, associadas ao desenvolvimento e teste da primeira bomba atómica (em 16 de julho de 1945) (Berger, 2006).

Apenas a título de exemplo, em Hiroshima esta experiência envolve a visita ao Hiroshima Peace Memorial Museum e ao Peace Memorial Park. Neste último (de certo modo, um geossímbolo desta catástrofe), o turista observa o conhecido Atomic Bomb Dome, um edifício (o

Hiroshima Prefectual Industrial Promotion Hall) cujas estruturas resistiram à explosão da bomba, em 1945 (Daisuke, 2007).

Como resultado da estratégia de dissuasão durante a Guerra Fria, das vagas de aquisição de armas de destruição massiva e de períodos de instabilidade como a "crise dos mísseis de Cuba" (em 1962), o tema do nuclear tornou-se um conteúdo popular nas indústrias criativas e culturais, em particular no mundo ocidental.

Em 1957, foi publicado o livro "On the beach", do autor australiano Neil Shute. Nesta distopia, representa-se um grupo de personagens que, em Melbourne, espera pela nuvem radioativa que se formou e alastrou após o início de uma guerra nuclear no Hemisfério Norte.

Em 1987, um ano após o acidente de Chernobyl, Morrissey inspirou-se no livro de Shute e escreveu a letra de uma canção de sucesso naquela época - "Everyday is like Sunday".

Em 2016, a escritora da Bielorrússia, Svetlana Alexievich (Prémio Nobel em 2015), publica o livro "Vozes de Chernobyl", que reavivou o interesse pelo tema e pelo acontecimento.

Já em 2019, esta tragédia foi revisitada por uma série da HBO, intitulada "Chernobyl", divulgada e popularizada pelos canais de *streaming*.

Antes disso, em 1979, Andrei Tarkovsky realiza o filme "Stalker", discutindo a atração por espaços geográficos de escombros e ruínas que, sendo repulsivos, se tornam objeto de desejo.

Na sua última obra - "Sacrifice", de 1986, Tarkovsky regressa, de forma explícita, à temática do nuclear, encenando o início de uma III Guerra Mundial e o caminho para um Holocausto global, após a utilização efetiva deste armamento de destruição em massa.

O primeiro filme de Tarkovsky influenciou outras linguagens, como a dos videojogos. Em 2007 é lançado S.T.A.L.K.E.R. - *Shadow of Chernobyl*, um jogo digital que, produzido por uma empresa ucraniana, encena um ecossistema violento e distópico semelhante à catástrofe de 1986.

A atratividade de Chernobyl e o aumento do turismo nesta área demarcada estarão a jusante destas múltiplas influências, nas quais devemos incluir o efeito indutor da cultura de massas, através de representações como a literatura, a televisão, o cinema ou o ambiente digital dos videojogos.

De acordo com Bakota, Zastavetska e Plomiński (2018), em 2017, data da nossa visita, Chernobyl recebeu 50200 turistas. Em 2010, esse valor foi 8300 e, em 2004, apenas 800. Estes números mostram uma progressão no interesse e na atratividade da área que, ainda assim, não deixa de ser um setor turístico de nicho. De assinalar que, segundo os mesmos autores, em 2017 mais de 80% dos visitantes eram de nacionalidade estrangeira, cerca de metade dos quais provenientes do Japão e dos EUA.

Refira-se que estes valores representam os acessos autorizados, regulados e vigiados. Para além destes, logo após 1986, registaram-se fluxos de entradas ilegais neste território de exclusão, vigiado pelas autoridades e pelo exército da Ucrânia. Inspirados pelo imaginário "stalker" do filme de Andrei Tarkovski, mas também por motivações materiais, muitos terão

violado as regras e atravessado este limite: procuram-se objetos de valor, tal como se buscam experiências desafiadoras de aventura e curiosidade (Banaszkiewicz, 2022).[69].

2- A experiência turística em Chernobyl (2017) - uma leitura pessoal

A visita à Zona de Exclusão de Chernobyl é curta (cerca de oito horas), mas intensa. A entrada no perímetro que se desenhou a partir de um raio aproximado de 30 km de distância da central nuclear, careceu de uma solicitação prévia, possível mediante a entrega antecipada do número de passaporte. A autorização foi concedida pelo Estado ucraniano. Ainda assim, o processo de reserva e pagamento desta experiência envolveu uma cadeia de serviços transnacional, articulando empresas da América do Norte e da Ucrânia, estas últimas disponibilizando guias que comunicam em inglês.

A deslocação inicia-se a partir de uma das mais icónicas praças de Kiev (a Praça *Maidan*). O percurso, para norte, não é uma experiência neutra. Nesse trajeto, orientado pelo guia, o grupo de 15 pessoas, de várias nacionalidades, assiste a documentários num pequeno ecrã, que nos ambientam com o tema e remetem o turista para os esplendores da cidade de Pripyat antes da catástrofe de 1986. Logo depois, os viajantes visualizam algumas imagens do acidente e da desordem que se seguiu. Antes disso, passa um videoclip musical: “Radioactive”, dos *Imagined Dragons*.

Ao mesmo tempo, o guia vai expondo um discurso paradoxal de cautela e de tranquilidade relativamente à experiência que se aproxima. Diz-se que o nível de exposição radioativa nas horas que se seguirão não ultrapassará o risco em que se incorre com uma viagem aérea de longa distância. Em paralelo, impõe um conjunto de obrigações, deveres e comportamentos preventivos, que devem ser respeitados: nenhum visitante se poderá afastar do guia e dos caminhos definidos pelo mesmo (em poucos metros, os níveis de radiação poderão aumentar para escalas de risco máximo); não se deve tocar em objetos ou superfícies; não se poderá trazer de volta nenhum material biológico, mineral ou outro. Antes de terminada esta viagem de ida, o turista assina um documento de responsabilização.

A entrada na Zona de Exclusão significa a passagem por uma fronteira murada e vigiada por militares, com a apresentação dos passaportes e a devida verificação dos documentos que permitirão o acesso.

Já no interior da área demarcada, a primeira paragem ocorre à entrada da pequena cidade de Chernobyl, onde se notam as canalizações à superfície (para evitar a contaminação que ainda existe nos solos). O circuito continua em direção a um conjunto de memoriais que evocam as aldeias desaparecidas durante o processo de remoção do material radioativo, que implicou a destruição de edifícios e a supressão de lugares; os bombeiros que ocorreram à chamada após

[69] Na verdade, o termo “Stalker” tem origem no livro “Roadside Picnic”, uma obra de ficção científica publicada em 1972 pelos autores russos Arkady e Boris Strugatsky. Neste livro, um “Stalker” é alguém que atravessa uma barreira proibida e invade uma área demarcada.

o que se pensava ter sido um pequeno incêndio no reator 4; assim como os pequenos veículos usados para auxílio nas primeiras horas e dias de resposta à destruição do reator.

Depois da paragem num antigo infantário e de alguns exercícios de medição da radioatividade, visita-se um radar soviético desativado, importante dispositivo militar durante a Guerra Fria. Após isso, faz-se a aproximação à central nuclear, aos três reatores desativados, respetivamente em 1991, 1996 e 2000 e ao sarcófago que protege e isola o reator que explodiu em 1986, sarcófago esse construído com a cooperação da comunidade internacional, tal como se assinala no local.

Segue-se depois para a cidade de Pripyat, a cerca de três quilómetros da central nuclear. A entrada no espaço urbano, que mantém muita da sua materialidade, mostra-nos uma paisagem renaturalizada, com ruas largas ocupadas por corredores de vegetação fechada.

Entra-se nalguns edifícios, atravessam-se portas e corredores, visitam-se velhos equipamentos coletivos, como uma piscina, um bar e um centro cultural. No exterior, pára-se num parque de diversões, desativado pouco depois de ser inaugurado.

No final da tarde, antes da saída da Zona de Exclusão e do regresso à capital da Ucrânia, todos os elementos do grupo, e respetivos haveres, como mochilas, foram rastreados por um suposto dispositivo de descontaminação.

Vejam-se, a propósito desta incursão turística, as figuras 1 a 4.



Figura 1- Praça *Maidan* (A); O pequeno autocarro que transportou o grupo (B); Paragem à entrada da cidade de Chernobyl, que deu nome à central nuclear (C); Memorial que evoca as aldeias e os lugares perdidos (D).

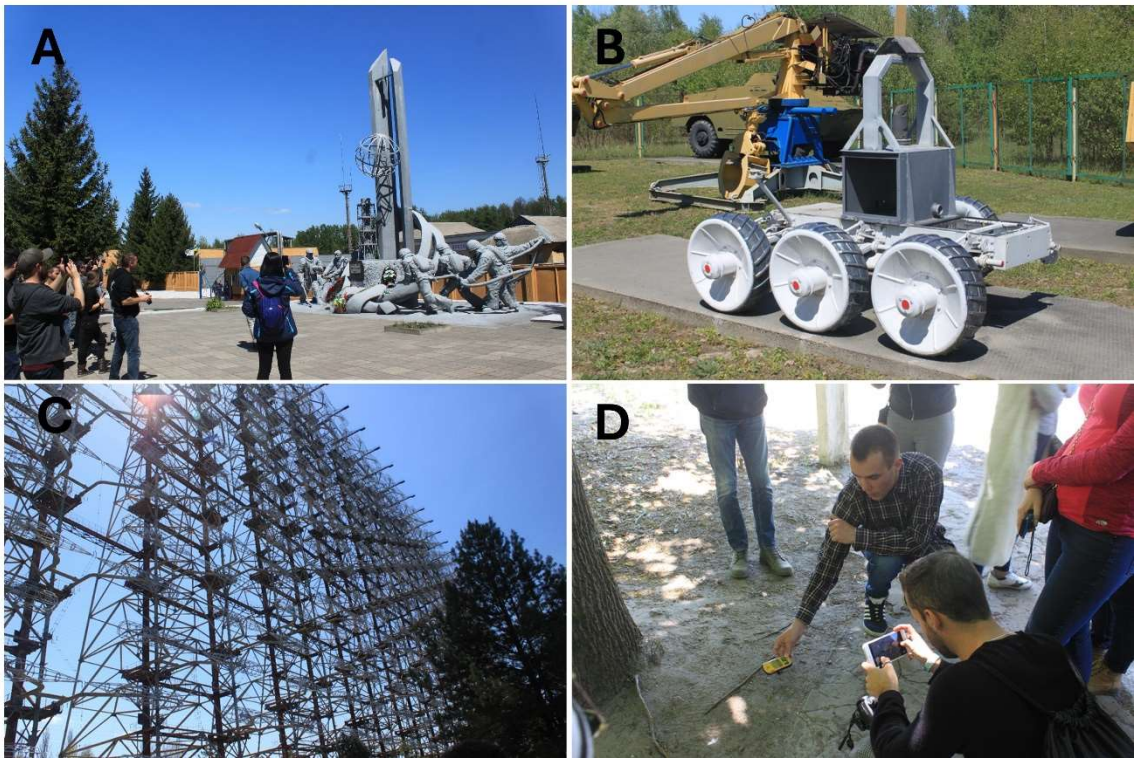


Figura 2- Memorial dos bombeiros (A); Réplica de um veículo robotizado que entrou no reator acidentado (B); Radar soviético (C); Exercício de medição da radioatividade (D).

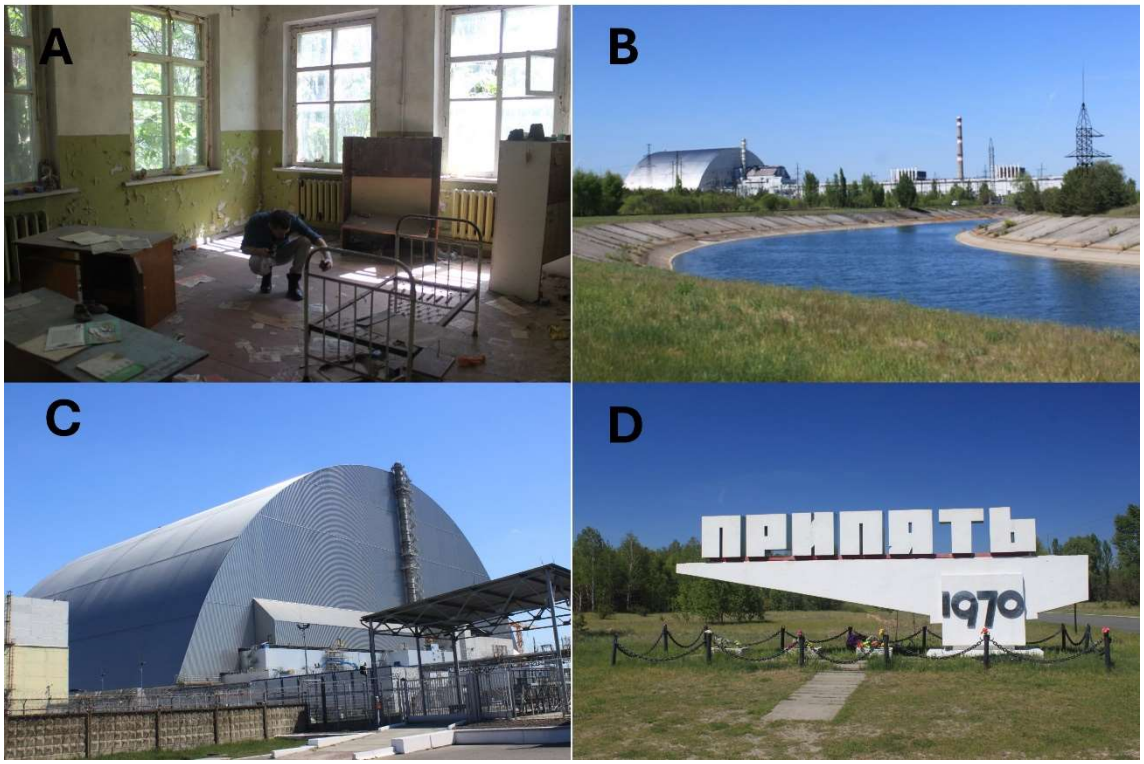


Figura 3- Antigo infantário (A); Aproximação à central nuclear, com o respetivo canal de arrefecimento (B); Cúpula (ou sarcófago) de proteção do reator nº 4 (C); Geossímbolo sinalizador da fundação da cidade de Pripyat, em fevereiro de 1970, mas também, pelas flores recentes, a evocação do respetivo topocídio, isto é, do seu desaparecimento enquanto espaço vivido (D).

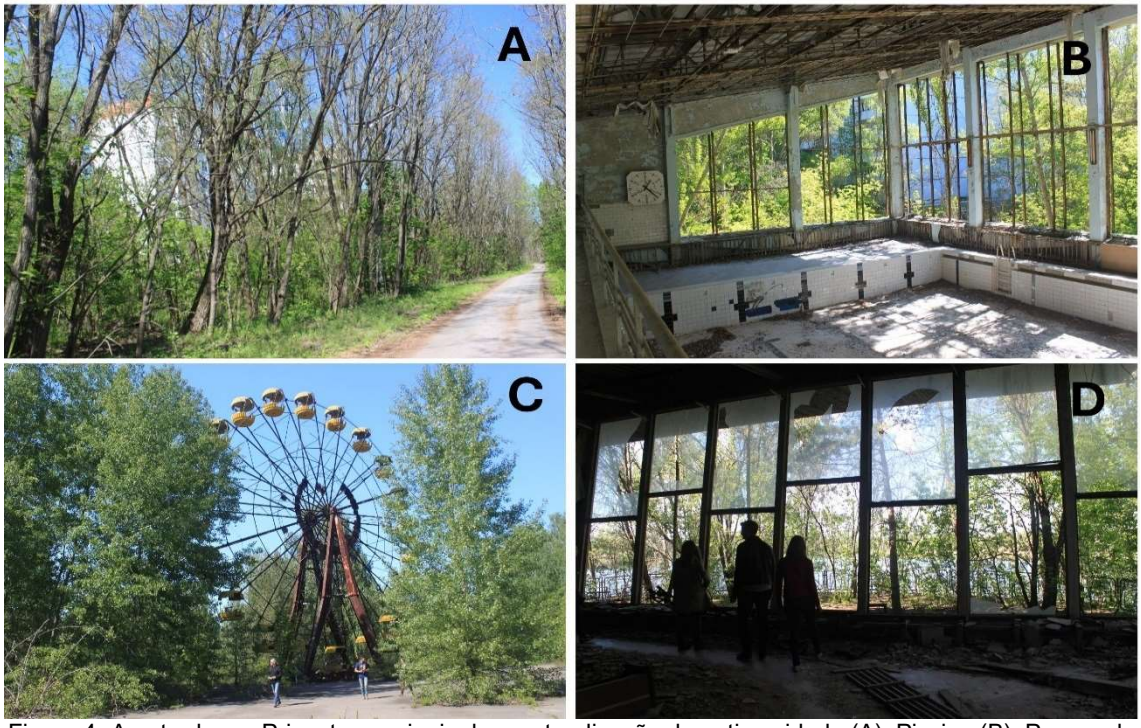


Figura 4- A entrada em Pripyat e os sinais de renaturalização da antiga cidade (A); Piscina (B); Parque de diversões (C); Um bar, com uma fachada de vidro que permite observar o avanço da natureza em Pripyat (D).

Para o geógrafo, para além da *traumascape*, Pripyat evoca os conceitos de urbicídio e topocídio (Coward, 2009). Com este acidente, desapareceu uma cidade com cerca de 50 mil habitantes, bem infraestruturada e com serviços de apoio à população, constituída, entre outros, por técnicos e trabalhadores da central nuclear e respetivos familiares. Aqui, a "morte do lugar" foi um acontecimento rápido e repentino, não o resultado, como aconteceu noutros casos, de um processo lento que ocorreu ao ritmo compassado da História longa e estrutural.

Em poucas horas e dias, assistiu-se ao aceleramento do relógio de transformação deste espaço geográfico e deste lugar, com um processo de desreterritorialização (Haesbaert, 2004) que alterou a Geografia Humana daquela região e de uma parte da Ucrânia (e da Bielorrússia), naquele momento e nos ciclos temporais longos que se seguiram.

Noutra perspetiva, sobretudo nesta "ghost town" de Pripyat (Benden, 2021), nota-se a dinâmica de renovação e renaturalização da paisagem. O regresso da natureza, da fauna e da flora, criou um *hotspot* de biodiversidade que, já em 2017, atraiu investigadores de Biologia e áreas científicas afins.

De referir ainda o processo de patrimonialização desta tragédia, que chegou a equacionar a ideia de candidatura à lista de Património Mundial da Unesco, mas que se materializou também pela organização e abertura de um espaço museológico em Kiev (no qual, por exemplo, numa figura miniaturizada da central nuclear, se encena e recria a explosão do reator).

Conjugando as mensagens recebidas, a simbologia dos espaços visitados, assim como o *storytelling* do guia que acompanhou o grupo, fica-nos a ideia de um trauma como elo unificador de um Estado frágil e ameaçado, num contexto de um *shatterbelt*, aqui entendido como uma área

de tensão permanente e estrutural, com ciclos de paz e de guerra, de conflitos e de acalmia, mas sempre um espaço geográfico tenso, incerto e disputado.

A tragédia no seu conjunto, os mártires (como os bombeiros que, sem a consciência da gravidade da ocorrência, se deslocaram de imediato ao local), as aldeias perdidas, a morte de uma cidade e de uma comunidade de meia centena de milhar de habitantes, a memória da perda e da catástrofe, todo este universo parece constituir um cimento agregador.

Dada a inexistência de equipamentos turísticos visíveis, de acordo com a classificação de Stone (2006, p.151) este será um destino enquadrável numa tipologia de turismo sombrio "extremo" ou, nas palavras do autor, de um "Darkest Tourism" com forte componente política e ideológica.

Experienciar uma paisagem traumática e perceber *in situ* um acontecimento pode contribuir para um melhor entendimento do passado, para a formação de uma cidadania mais ativa e consciente dos riscos nos quais a humanidade incorre.

No entanto, nenhuma destas experiências está salvaguardada de leituras tendenciosas, ideológicas e politizadas. Apesar da diversidade dos destinos, estes não são imparciais e as mensagens veiculadas não são isentas. Estas paisagens, antes de serem turísticas, são culturais e ideológicas.

Neste sentido, poderemos ter experienciado algo próximo do que se poderá denominar como "Turismo Político", nas fronteiras entre a Geografia Cultural e Política.

3- Visitar Chernobyl- uma experiência cultural e (geo)política? Um exemplo de Turismo Político?

Por princípio, uma viagem não será neutra. Nalguns casos, pode abrir novas perspetivas, noutros poderá ir ao encontro do conhecido, reforçando as perceções estereotipadas e os mapas mentais do turista. Outras experiências atravessam balizas e marcos separadores, afastando os viajantes dos corredores habituais e entrando em espaços intersticiais e opacos que, por várias razões, se foram demarcando e afastando das geografias do quotidiano.

A Zona de Exclusão de Chernobyl é um espaço geográfico de exceção, o resultado de uma catástrofe tecnológica e o exemplo do que Andrew Barry (2017) denomina como uma "Chemical Geography". Aqui, o *storytelling* dominante na visita a Chernobyl é, ao mesmo tempo, tecnológico, ecológico e político.

A narrativa exposta ao turista realça que a explosão do reator nuclear foi resultado da negligência da antiga URSS. Neste sentido, o turismo em Chernobyl é uma peça de *soft power* que se acrescenta ao conflito latente entre a Ucrânia e a Rússia, num dos mais problemáticos *shatterbelts* da Geografia Política europeia, como, aliás, se confirmou com a invasão russa em fevereiro de 2022, já depois do episódio da Crimeia, ocorrido em 2014, três anos antes da visita a esta região.

Para além de uma perspetiva identitária e unificadora através da memória coletiva que agrega, este *storytelling* político apresenta outras leituras e interpretações.

Nestas narrativas, faz-se referência explícita à cadeia de erros e omissões por parte da antiga URSS - os russos erraram e a culpa da catástrofe é-lhes atribuída. São-lhes também imputadas negligências grosseiras na gestão da crise e da catástrofe. Por tudo isto, esta catástrofe não significou apenas o fim de uma cidade-modelo, mas teve implicações no colapso de uma utopia ideológica que, afinal, tinha bases tecnológicas, sociais, económicas e políticas frágeis. De alguma forma, 1986 antecipa a queda do Muro de Berlim, em 1989.

Por outro lado, Chernobyl remete-nos para as geografias que Saskia Sassen (2014 e 2025) carateriza como *dead lands*, isto é, espaços inóspitos, repulsivos e, nalguns casos, tóxicos, degradados por estratégias de exploração intensiva.

A ação antrópica vai excluindo solos, mas também recursos hídricos (as *dead waters* referidas por Sassen), que se tornam incompatíveis com a presença do Homem. Não sendo propriamente um espaço vazio e uma terra morta (a natureza ganhou aqui um novo impulso), a Zona de Exclusão tornou-se total ou parcialmente interdita à permanência contínua e quotidiana do ser humano.

Esta passagem por Chernobyl e pela cidade abandonada de Pripyat sugeriu-nos ainda a questão energética. Em tempos de transição, de tomada de consciência sobre as alterações climáticas e do reconhecimento da energia como um setor crucial nas atuais sociedades complexas, esta *traumascape* abre-nos para um debate mais extenso a respeito do papel que a tecnologia nuclear poderá desempenhar no futuro *mix* energético. Neste sentido, mais do que uma viagem ao passado, Chernobyl interpela-nos em relação às opções estratégicas do futuro.

Estas mensagens políticas, presentes nos discursos explícitos e implícitos dirigidos ao turista, mas invocados também pelos olhares, pelas leituras e pelas indagações do viajante, remetem-nos para um assunto pouco explorado - para a dimensão política do turismo, ou mesmo para a existência de um Turismo Político, como se refere em Moynagh (2008) e Fitzpatrick e Rasmussen (2008).

Neste ponto de vista, continua a ser importante avaliar o efeito dos eventos políticos no turismo (Butler e Suntikul, 2010). No entanto, é também importante acompanhar o seu inverso, isto é, o modo como, através do turismo, se produzem e transmitem mensagens (geo)políticas. O turismo é mais do que uma simples cadeia económica de serviços e de circulação de capital económico e financeiro. O turismo não é neutro, é um instrumento diplomático e uma forma de s*oft power*.

4- Notais finais

Com a presente guerra na Ucrânia e outros conflitos latentes, que envolvem potências como a Índia e o Paquistão, os riscos associados aos usos civis e militares da energia nuclear voltam a ser discutidos. A centralidade das políticas energéticas, o alargamento do tempo de vida útil de muitos reatores e a problemática do *mix* energético desejável e possível (no qual as centrais nucleares podem vir a desempenhar um novo papel), reforçam a centralidade desta temática.

Por isso, não terá sido casual a publicação, em 2024, do livro *Nuclear War. A Scenario*, no qual Annie Jacobsen encena uma hipotética guerra nuclear à escala global.

O acontecimento de Chernobyl não foi um caso isolado na cartografia dos acidentes em centrais nucleares. Contudo, a escala do acontecimento e a sua projeção para o exterior da antiga URSS aceleraram a desconstrução do mito ideológico da sociedade perfeita e ideal.

Somado a uma difusa sucessão de fatores, Chernobyl contribuiu para o fim da Guerra Fria. A explosão do reator 4 de Chernobyl deixou rasto no enfraquecimento dos alicerces do regime soviético, facto que se iria projetar na queda do Muro de Berlim (em 1989), na reunificação da Alemanha (1990) e na desintegração da URSS (1991).

A viagem à Zona de Exclusão foi uma experiência intemporal que reavivou uma linha de tensão entre o fim da utopia comunista e o irrealismo do "Fim da História" de Francis Fukuyama (1992), como se, no após catástrofe de Chernobyl, tivéssemos entrado num mundo de estabilidade universal e perpétua.

Para o viajante, nesta breve incursão, foi inevitável associar a energia nuclear de uso civil à sua aplicação em tecnologias militares de destruição em massa, com a dispersão destas armas por diferentes países após a II Guerra Mundial. Este facto pode colidir com a conceção de paz permanente de Fukuyama, já amplamente negada pela realidade empírica.

Para além da cúpula que esconde o *ground zero* desta tragédia, Pripyat é um dos geossímbolos desta catástrofe. Por isso, a entrada no perímetro urbano daquela antiga cidade revelou-se um dos momentos altos desta experiência.

Na senda de autores, como Jared Diamond (2005), Pripyat evoca-nos a tese da *colapsologia*, uma corrente também assente em mitos, neste caso nas distopias da destruição do ambiente e do fim de uma civilização, tal como se representa em obras literárias, como *A Estrada* (2006), de Cormac McCarthy.

Em Chernobyl, ao conceito de Geografias Químicas, de Andrew Barry (2017), será oportuno acrescentar o de Capitalismo Químico, de Jean-Baptiste Fressoz (2012). Neste ponto de vista, também no ecossistema ideológico do socialismo se aplicou um modelo funcionalista de produção intensiva, aqui traduzível num fluxo de energia que, apesar do risco, não poderia ser interrompido. Esta incúria acabou por dar origem à explosão.

A partir do bloco de apontamentos que se foi organizando durante a viagem, regista-se uma outra interpretação. Também neste caso, talvez estejamos perante o resultado daquilo que Fressoz (2012, p.9) caraterizou como "petites désinhibitions modernes", que têm promovido a aceitação do risco em nome da tecnologia e, acrescentamos, dos resultados produtivistas de aplicação das mesmas.

Seguindo a linha de Fressoz (2012), Chernobyl simboliza o falhanço na imposição de uma tecnologia de produção de energia em massa, tal como Pripyat é a alegoria da felicidade e da sociedade perfeita que colapsou, ao mesmo tempo que se afundou o regime político que a produziu e sustentou.

Ainda assim, a confiança no nuclear persistiu. Talvez se tenha dado crédito a um argumento também escutado durante o percurso naquela *paisagem química*: a central nuclear de Chernobyl cedeu também porque dependia de uma tecnologia rudimentar e anacrónica. Ainda assim, em 2011, seis anos antes desta deslocação à Ucrânia, registou-se um novo acidente, desta vez numa central moderna e sofisticada - Fukushima.

Bibliografia

ALEXIEVICH, Svetlana (2016). *Vozes de Chernobyl*. Amadora: Elsinore.

BANASZKIEWICZ, Magdalena (2022). The Transgressive Approach to the Dark Tourism Experience: Stalkerism in the Chernobyl Exclusion Zone, *Polish Sociological Review*, No. 219 (2022), pp. 367-384.

BARRY, Andrew (2017). *Manifesto for a Chemical Geography*. Inaugural Lecture. Gustave Tuck Lecture Theatre, University College London.

BENDEN, Lisa (2021). *Walking the Streets of a Nuclear Ghost Town - Dark Tourism in Pripyat (Chernobyl)*. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa.

BERGER, Jenna (2006). Nuclear Tourism and the Manhattan Project. *Columbia Journal of American Studies,* 7, pp. 196-214.

BUTLER, Richard; SUNTIKUL, Wantanee (2010). *Tourism and Political Change*. Oxford: Goodfellow Publishers.

CINTIO, Marcello di (2012). *Walls. Travels along the Barricades*. London: Union Books.

COWARD, Martin (2009). *Urbicide. The politics of urban destruction*. London: Routledge.

DAISUKE, Yuasa (2007). Hiroshima as a Social Landscape. Bright Peace and Silenced Alternatives. Ritsumeikan Asia Pacific University: *RCAPS Occasional Papers*, nº 07-2, 19 pp.

DIAMOND, Jared (2005). *Collapse: How Societies Choose to Fail or Succeed*. New York: Viking Press.

FITZPATRICK, Sheila; RASMUSSEN, Carolyn (edit.) (2008). *Political Tourists*. Melbourne University Publishing.

FRESSOZ, Jean-Baptiste (2012). *L'Apocalypse Joyeuse*. Paris: Seuil.

FUKUYAMA, Francis (1992). *The End of History and the Last Man*. New York: Free Press.

HAESBAERT, Rogério (2004). *O Mito da Desterritorialização*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

HARVEY, David (2011). *O Enigma do Capital e as Crises do Capitalismo*. Lisboa: Bizâncio.

JACOBEN, Annie (2024). *Nuclear War: A Scenario***.** New York: Dutton.

MCCARTHY, Cormac (2006). *A Estrada*. Lisboa: Relógio d'Água.

MOYNAGH, Maureen (2008). *Political Tourism and its Texts*. University of Toronto Press.

SASSEN, Saskia (2014). *Expulsions: Brutality and Complexity in the Global Economy*. Harvard University Press.

SASSEN, Saskia (2015). At the Systemic Edge. *Cultural Dynamics*, 27(1), 173–181.

STONE, Philip (2006). A Dark Tourism Spectrum: Towards a Typology of Death and Macabre Related Tourist Sites, Attractions and Exhibitions. *Tourism: An Interdisciplinary International Journal*, 54 (2). pp. 145-160.

STRUGATSKY, Arkady; STRUGATSKY, Boris (1972). *Roadside Picnic. Tale of the Troika*. London: Macmillan.

TUAN, Yi-Fu (2013). *Landscapes of Fear*. University of Minnesota Press.

TUMARKIN, Maria (2005). *Traumascapes. The Power and Fate of Places Transformed by Tragedy*. Melbourne University Publishing.